

A morte de Vania

“I VAN Ilitch, vendo que ia morrer, desesperava-se. No fundo da alma. Sabia, estava certo de que ia morrer, mas era incapaz de se habituar à idéia; não a compreendia sequer; não conseguia realmente assimilar. O exemplo de silogismo que aprendera num manual de Kriesewater — “todos os homens são mortais; ora, Caio é homem; logo, Caio é mortal” — parecia-lhe exato enquanto se tratasse de Caio, mas não quando se tratasse dele, Ivan. Caio era homem, homem-em-geral, logo era forçoso que morresse. Mas ele, Ivan, não era Caio; nem era um homem-em-geral. Era Ivan, um ser à parte, totalmente à parte dos outros seres (...) Caio é, com efeito, mortal. E é justo que morra. Mas eu, Vânia, Ivan Ilitch, com todos os meus pensamentos, com todos os meus sentimentos, sou outra coisa, completamente outra, e parece-me impossível que deva morrer. Seria horrível demais. Se eu tivesse que morrer (como Caio), bem havia de saber; uma voz interior teria me dito. Mas nunca me disse ela tal coisa. Eu, e cada um de meus colegas de lógica, compreendemos muito bem que haja um abismo entre Caio e nós. E eis que agora... não. É impossível. E contudo assim é.”

E contudo assim é, como escreveu Tolstoi em a Morte de Ivan Ilitch.

Não era só Ivan, Vânia, que conhecia — Caio não conhecia — “o cheiro daquela bola de couro”, a mineirice de São João D’El Rey, o mineirismo de Minas, a mineiridade do Brasil (ou a factibilidade do consenso), que Tancredo Neves incorporou como ninguém poderia ter incorporado. A nação, como um todo, como Vânia, sabia que ele ia morrer, mas não queria habituar-se à idéia, depois de toda essa luta, de todo esse sofrimento, de toda essa esperança, de toda essa solidariedade, de toda essa expectativa de conciliação entre a sociedade e o Estado, entre povo e governo.

E contudo foi assim.

O desenlace era esperado, inevitável. A nação não está perplexa. Está tomada de grande comoção. Perdeu seu Vânia, e o vela como um parente bem próximo e como um notável, cuja máscara mortuária será, sem dúvida, mais emblemática e mais reverenciada do que os bustos de Getúlio Vargas, ainda espalhados pelo Brasil afora.

O Presidente José Sarney, humilde, corajosa e



responsavelmente, assumiu o poder, ciente do que tem pela frente, no pronunciamento feito logo após a morte de Tancredo Neves.

Como na clássica tragédia de Nelson Rodrigues, Vestido de Noiva (1943), o momento político brasileiro passa a ser vivido em três planos: o da realidade, o da memória e o da alucinação. Só que no drama que já vinhamos vivendo, os planos interpõem-se, interpolam-se, intercalam-se.

A remoção do chamado “lixo discretionaryário” é mais ou menos pacífica, embora o PDS tenha passado a considerar “entulho” a eleição indireta do Presidente da República, exigindo que, antes da Constituinte, reforme-se a Constituição, estabelecendo logo a redução, para quatro anos, do mandato do Presidente, e sua eleição por via direta. Estamos afi no plano da realidade política convencional, que o Congresso, cada vez mais “executivo”, parece estar disposto a resolver sem maiores traumas.

Nos planos da “memória” e da “alucinação” (no sentido de percepção aparente) o Presidente Sarney vive o dilema de adquirir, cada vez mais, luz própria, não podendo no entanto deixar de ser satélite daquele sol, em torno do qual ainda vai gravitar, por muito tempo, uma nação comovida. Como disse na madruga da de ontem o emocionado Ministro Ronaldo Costa Couto, lembrando Guimarães Rosa, Tancredo não morreu, “ficou encantado”. De outro lado, terá de enfrentar, com o auxílio de seus ministros e com o apoio da opinião pública, as pressões dos que, como Brizola, Lula e outros “alucinados”, não vêem no atual Presidente densidade política, e exigem “diretas já” ou “Constituinte já”.

Com Tancredo Neves, a Aliança Democrática era uma espécie de triângulo isóscele, tendo lá em cima, no vértice, um presidente eleito e desejado como jamais se viu. O triângulo isóscele tem uma base com ângulos iguais (no caso, o PMDB e o PFL), mas uma altura variável. Com Sarney, há o perigo de o triângulo ficar equilátero, o vértice mais próximo das bases que podem ser quaisquer dos lados. Esta referência geométrica tem muito a ver, aqui e agora, com o que passa a ocorrer. O Presidente Sarney não poderá “destancreditar” seu ministério, mesmo que a base (a representação das correntes partidárias) ficasse a mesma. Os flancos, se desfigurados, ficariam muito mais vulneráveis.

José Sarney ainda é Caio, mas um Caio que pode — e os órfãos de Tancredo desejam — tornar-se logo Vânia.

LUIZ ORLANDO CARNEIRO

Diretor do JORNAL DO BRASIL em Brasília